



Nelzira Moreira

DF-Brasília
042
Reportagem 0034

PIONEIROS

8/31

No final de 1957, a pioneira chegou a Brasília acompanhando o marido, que veio trabalhar na Novacap. Aqui foi professora, auxiliar de enfermagem e se aposentou como enfermeira

Lembranças de um tempo difícil, mas valioso

Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida que os pioneiros levavam por aqui antes da inauguração de Brasília estava longe de ser um paraíso. Praticamente isolada no meio do cerrado, a primeira impressão que se tinha da cidade não era das melhores, principalmente para aqueles que chegaram bem antes do 21 de abril de 1960. Foi assim com a goiana Nelzira Moreira. Ela chegou na nova capital em novembro de 1957, quando tudo estava no começo. O impacto só não foi maior por que já estava acostumada com o clima de fozenda no interior de Goiás.

Filha de fazendeiro, Nelzira era quem espantava os pássaros que ameaçavam o arrozal e ajudava a família no preparo do açúcar e na fabricação da farinha. Mal sabia a pioneira quanto a sua vida mudaria com a transferência para Brasília, após o casamento com o também goiano Donato de Araújo Bruno, futuro empregado da Novacap. "Depois que nos casamos ele veio, por volta do mês de junho, e eu fiquei em Silvânia (cidade natal da pioneira) até ele conseguir uma moradia", lembra a então moradora da Candangolândia.

Logo na chegada a Brasília, ela sentiu na pele a mudança brusca do clima. A secura e a poeira constante a atingiu em cheio. "Eu peguei um resfriado forte e

fiquei doze dias acamada. A gente não tinha paz com aquele vento e adoeceu mesmo. Quando os caminhões de terra passavam na rua afé que a poeira aumentava. Muita gente jogava água com a mangueira ao redor da casa para aliviar um pouco". As crianças eram as que mais sofriam com o clima seco e o calor das residências. "Jusce ino, uma vez, ordenou que ti ocassem todas as construções de lona da Candangolândia, por outras de madeira (naquele tempo tinha muita madeira aqui) para evitar a desidratação das crianças por causa do calor", explica.

A Vila Operária

A rusticidade do ambiente e o modo arcaico de funcionamento da maior parte dos serviços traduzem a dificuldade dos primeiros anos da construção de Brasília. A pioneira é do tempo em que a Candangolândia era chamada de Vila Operária e que o abastecimento de água era fei-

to por canos soltos que traziam água do córrego.

As compras naquele tempo eram feitas em sacos e anotadas nas antigas cadernetas no mercado da Subsistência, que ficava ao lado da Guarda Especial de Brasília — GEB. "Eu levantava às 4 horas da manhã e ficava na fila esperando a porta do mercado abrir. Mas também lá tinha de tudo. O limite de compra era de acordo com o salário. Quando meu marido recebia o vencimento era feito o desconto", conta a esposa do armazeneiro da Novacap. "Donato trabalhava na Divisão do Material e era quem cuidava do recebimento e do depósito dos materiais que chegavam na Novacap", conta orgulhosa. No mercado, a pioneira era obrigada a enfrentar três fi-

“

**QUANDO A GENTE
PRECISAVA DE
UMA COISA
MELHORZINHA,
COMO UM SAPATO
OU TECIDO, ÍAMOS
ATÉ A CIDADE
LIVRE (NÚCLEO
BANDEIRANTE),
QUE PARECIA UM
FORMIGUEIRO AOS
SÁBADOS, POR
CAUSA DO
COMÉRCIO E DO
CINEMA, QUE
ERAM BASTANTE
PROCURADOS**

”

também dentro das salas de aula. As crianças sentavam em cima de tijolos porque não havia carteiras. "Na época de chuva então, inundava tudo. Um dia tivemos de deixar a escola porque não tinha condições de dar aulas com aquela quantidade de água". A professora conta ainda que quando lecionava na Escola II, na invasão do IAPI, enfrentava sol e chuva para chegar até a

UM DOS PRIMEIROS
EMPREGOS DE NELZIRA
NA CAPITAL FOI COMO
PROFESSORA DA ESCOLA II,
NA INVASÃO DO IAPI

las. "uma para pegar o número da caderneta que ficava com eles, outra para fazer as compras e uma última para receber as mercadorias. Eu só voltava para casa lá para o meio-dia".

Feitas as compras, Nelzira ainda tinha que contar com a boa vontade e a solidariedade dos motoristas de caminhão que circulavam no local a caminho do almoço.

"Quando a gente precisava de uma coisa melhorzinha como um sapato ou tecido, fomos até a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), que parecia um formigueiro aos sábados, por causa do comércio e do cinema, que eram bastante procurados".

Foi durante uma de suas idas à loja Teatro dos Tecidos, na Cidade Livre, que Nelzira viu de perto o incêndio que ela jamais conseguiu esquecer. "Eu estava olhando uns tecidos quando um rapaz do lado de fora me puxou. O fogo começou numa loja ao lado e foi aumentando até atingir a sapataria Galo Vermelho".

Ela conta que até o galininho de vidro (que deu o nome à sapataria e ficava na cumeeira) estourou com o fogo. "Foi horrível".

Primeiro emprego

O primeiro trabalho da pioneira na nova capital foi como professora primária na Escola Interplanetária e na escola Sara Kubitschek, aproveitando o diploma de normalista. As dificuldades daquele tempo estavam

NELZIRA COM A
FAMÍLIA: UMA VIDA
DE DIFICULDADES E
VITÓRIAS EM
BRASÍLIA



uma camisetinha de gola redonda. Eu fiquei com vontade de ter uma, mas não podia comprar. Só depois de muito tempo é que consegui comprar uma igual e até da mesma cor", lembra.

Vizinha do maior restaurante comunitário da cidade —, o SAPs, Neuzira conta que na hora do almoço, a Candangolândia fervilhava de gente e servia até de ponto de encontro das famílias nordestinas que vinham para visitar os parentes que trabalhavam na construção da cidade. "Todos os operários comiam lá. Chegavam caminhões e caminhões de trabalhadores para almoçarem. As mulheres do Nordeste vinham com seus filhos nos paus-de-arara para cá e como aqui era tudo muito espalhado, construções para todo lado e sem condução direto, elas iam para a porta do SAPs encontrar os maridos".

Foi no restaurante também que a pioneira teve a surpresa de apertar a mão do presidente Juscelino Kubitschek. "Ele deu uma festa para os trabalhadores da Novacap no dia 1º de maio no restaurante. Juscelino andava à vontade no meio de todo mundo. Aí ele pegou na minha mão me cumprimentando e depois pegou minha filha nos braços. Hoje fico procurando para ver se acho alguma foto minha com ele no Memorial JK, mas nunca acho. Naquele tempo a gente não ligava muito para foto e também só havia lambe-lambe e aqueles jornalistas", comenta. Para animar a festa, Juscelino trouxe artistas do Rio de Janeiro como Ivon Cury, Jorge Cury, César de Alencar, Carlos Mattos, João Dias e Adelaide Chiuso, que divertiram os participantes.

Raio X

Nome:
Nelzira Moreira
Idade:
65 anos
Origem:
Silvânia, Goiás
**Ano de chegada a
Brasília:**
1957
Profissão:
Enfermeira
Estado civil:
Viúva de Donato de Araújo Bruno
Filhas:
Irandiaia e Adanis
Netos:
Rodrigo e Luíza